

# O CENACULO

REDACÇÃO:

DARIO VELLOZO,

SILVEIRA NETTO, *Secretario*; JULIO PERNETTA, *Thezoureiro*;

ANTONIO BRAGA.

---

## SUMMULA :

	PAG. :
I OS DOUS NADAS, de Edmundo de Barros . . . . .	461
II TÓTÓ BUENO, de Julio Pernetta . . . . .	462
III VIA DOLOROSA, de Silveira Netto . . . . .	473
IV HÉLAS, de Leoncio Correia . . . . .	474
V FLÔRES DE LARANGEIRA, de Nestor de Castro. . . . .	475
VI ETHNOLOGIA BRAZILICA, pelo Dr. J. J. de Carvalho. . . . .	478
VII A PARABOLA DO AMOR, de Romario Martins . . . . .	486
VIII RESPIGAS . . . . .	488
IX INDICE . . . . .	491

---

Junho de 1896

Paraná-Coritiba

# OS DOUS NADAS

## I

A analyse prescruta os organismos,  
Sonda-os, descreve-os... Mas não pode a sciencia,  
Nem por palavras, nem por algarismos,  
Descortinar toda, na essencia,  
Brilhos e paroxismos,  
Essa que á natureza a amar convida  
No humus sensual... de pincaros a abysmos ! —:

— A VIDA.

## II

Infalliveis já são da astronomia  
Os calculos... Mas o saber humano  
Não pode, incerto, previnir o dia,  
Nem previnir o mez ou o anno  
Dessa breve agonia,  
Com que não ha quem não se importe...  
Onde um nada fenece e outro principia !—:

— A MORTE

EDMUNDO BARROS.



# TÓTÓ BUENO

(COSTUMES PARANAENSES)

## I

Tótó Bueno erguera-se do leito, cantando, cheio de uma alegria que elle mesmo não sabia definir. Fôra para a cosinha *atear* o fogo para preparar o *chimarrão*. Sua mulher, nha Virgilina, deixara-se ficar enrolada no *poncho*. Pois era tão cedo ainda ! O gallo apenas cantára pela primeira vez.

Não deixara de extranhar aquelle madrugalar alegre de seo Tótó; elle nunca fizera isso. Era verdade que tinha de ir para a roça, mas para isso tinha de esperar os companheiros que tinham ficado de passar por alli.

E o seo Tótó, em roda do fogo, sapateava, deixando por vezes que a lingoa do fogo, em labareda, lambesse-lhe as calças, n'uma caricia ardente de mulher fogosa...

Nha Virgilina incommodara-se:

—«Pois, nho Tótó, isso não tem *porposito*; dia de muita alegria é *vespra* de muita tristeza; mêce parece que está *adivinhando alguma coisa*.»

—«*Quá*, nha Vica, enquanto a gente pode deve se *adivertir* e *forgar*, não ha de ser no buraco do *sumiterio*, que me hei de *adivertir*; ha de ser aqui, nha Vica, aqui no nosso *rancho*. Mêce não se *alembra* da cântiga de nho Maneco Cego?

« Quem na vida não se rir  
Quem no mundo não cantar,  
Quando morrer, la no ceo  
Nada leva que contar.

« Morre o moço, morre o velho,  
Morre a creança também;  
Se adivirtam minha gente  
Porque hão de morrer também.»



Por isso, nha Vica, *vamo* cantar e *serri*.»

Porem, de repente, n'uma transição brusca, seo Tótó, acocorou-se junto ao fogo, quedou-se n'um profundo silencio desesperador. Olhava para as brazas que se iam amortecendo e desaparecendo, cobertas pela cinza. Esqueceo a agoa que *chiava* na chocolateira, para o *chimarrão*.

Scismava. O presentimento de uma grande desgraça, agora, batia-lhe em cheio ás portas da imaginação.

Nha Vica tinha razão; cantar e rir áquella hora morta da noite, só de um louco. E interrogava-se intimamente, procurava a certeza de não ter havido alteração das suas faculdades; ia pronunciando e repetindo o nome dos objectos que o cercavam; invocava recordações longinquas tinha vontade de falar, para á se convencer de que tinha o juizo perfeito, que a lingua obedecia; sua vontade. Arrependera-se de tudo que fizera; incommodar sua mulher, cantar áquellas horas; lembrava-se de que o João Fumaça fizera cousa semelhante, pouco antes de morrer.

—«O compadre *Vega*, Deos que lhe fale na *arma*, tocou viola e cantou á meia noite, pediu *chimarrão*, e logo em seguida morreo. O José levantou da cama ás onze horas da noite, e foi ao fandango em casa do Pedro mascate e o Pintado *faqueou* elle.»

Seo Tótó lembrava-se de tudo. Um cortejo tragico de factos, desfilava por sua imaginação, corporizava-se ante o seo olhar de vidente da superstição. Um grillo chilrou a um canto da cosinha; seo Tótó estremeceo, os cabellos irriçaram-se-lhe; o coração pulsou violentamente; era o signal mais certo, mais evidente: ia acontecer alguma cousa em sua casa.

Ergueo-se, foi ao quarto; nha Vica dormia abraçada ao travesseiro, n'uma attitude de desespero. Seo Tótó fitou-a muito tempo; tinha pena de deixal-a, principalmente agora que estava grávida, que o primeiro filhinho vinha em breve completar a sua felicidade.

E continuou a fital-a; approximou-se muito, muito; chegou mesmo a roçar as pontas do bigode pelo rosto de nha Vica; nada, ella dormia sempre.

—«Nha Vica... nha Vica... são horas, o gallo já está cantando.»

Nha Vica, estrebuchou, distendeo os braços, descerrou os olhos; e ao ver o seo Tótó, teve um estremecimento. Lembrara-se immediatamente do sonho que sonhara:

—«Deite, Tótó, pois vòce tem que *trabaiar aminhã*; deite, isto não são horas de estar acordado; parece *lobishome*.»

Seo Tótó accedeo ao pedido de sua mulher; e a cama decipó entrelaçado gemeo ao peso de mais um corpo.



## II

Trez horas da madrugada. Noite em todo o infinito, estrellas pestanejavam indecisas.

—«O' de casa, ó de casa!»

A porta da cosinha se abriu, e os companheiros do seo Tótó invadiram-n'a.

—«Pois vòce ainda dorme, Tótó?» perguntou o Pedro.

—«Qual, vocês não imaginam o que me aconteceu esta noite; eu nem devia ir hoje p'ra roça.»

—«Com certeza nha Vica teve *criança*.»

—«Antes fosse. *Coisa pior*. Estou scismando, Pedrinho, que me ha de acontecer alguma *desgracia*.»

—«Primeiro *vamo* ao *chimarrão*, Tótó; depois conte o *causo*,» disse o Euzebio, n'uma inflexão de voz guttural.

—«Até nem me alembrava mais.»

E o seo Tótó, de gatinhas, soprava o fogo, pondo-lhe *cava-quinhos*, para que ateasse mais ligeiro.

Continuaram a palestrar sobre o *causo*. O seo Tótó queixava-se amargamente que passara uma noite de *carijo*; não dormira nem *uma pontinha*.

—«*Bãos* dias p'ra mêces.»

—«*Bãos* dias, nha Vica; *vancê* como passou a noite?»

—«Não passei muito bem; seo Tótó faz *coisas* de criança; pois mêces não hão de ver que este *home*, se *alevanta* *arta* noite, e vem aqui p'ra cosinha, e *ponhar-se* a cantar e a dançar fandango, solitario; parece gente que não tem juizo, e que está *agorando* alguma *coisa*. Eu nunca vi se fazer isso.»

O Pedrinho, que, entre os seos companheiros, era tido por *poeta* (1) e que ouvira aquella narração, com um sorrizo incredulo, dissera afinal:

—«Eu não acredito n'essas *coisas*; pra mim o que tiver de ser ha de ser; eu muita vez tenho sonhado que morri; e, quando me acordo, estou vivo.

Morre quem Deos é servido. Estas *coisas* de scisma, não é com o filho de meo pae.»

Como sempre, todos escutavam, e o Pedrinho tinha razão: Só morre quem Deos é *servido*.

—«Querem uma prova? disse o Pedrinho erguendo-se triumphante, o compadre Veiga, quanta vez *elle* se confessou?

---

(1) *Poeta* é o vocabulo empregado pelo caboclo para exprimir superioridade intellectual.



e, no entanto, morreo quando não esperava, tocando viola e cantando. E' *bobage*, eu não acredito n'essas *coisas*.»

O *seo* Tótó, ante a logica empregada pelo Pedrinho, estava quasi convencido da futilidade das *scismas*, quando o grillo chilrou de novo. Nha Vica, que punha agua na *cuia*, parou com a chocolateira suspensa, olhando assombrada para o Pedrinho; o *seo* Tótó tornou a estremecer, os outros circumstantes se entreolharam. O Pedrinho que não cria em cousa alguma, acreditou ouvindo o grillo *cantar*; lembrou-se de que a sua fallecida mãe, sempre dizia que quando o grillo *canta* dentro de casa, e fora de horas, é desgraça ou hospede; e emmudeceo. Não teve mais palavras de conforto para o pobre Tótó, que, de ouvido attento, esperava escutar de novo o *canto* do grillo, como uma dolorosa sentença.

O *chimarrão* correo.

O Euzebio, picava o fumo, para, depois de seccal-o com um tição, preparar o cigarro.

—«São hora, *seo* Tótó; *vamo* indo, antes que o dia clareie, *vamo vê se amanhecemo na roça*.»

### III

Pela estrada do *Cupim Vermelho* seguiam o *seo* Tótó e os companheiros. Os burros caminhavam gemendo ao peso dos cargueiros que conduziam as ferramentas e o mantimento para o *pichirum* que se effectuaria d'ahi a dous dias.

O Pedrinho discutia com o Tótó, sobre as grandes corridas que se iam realizar na raia do *Timbú*, entre o *Zaino* e o *Baio*. Os dous camaradas guiavam os burros, e o Euzebio enchia o silencio d'aquellas florestas, que pareciam sonhar extaticas para o firmamento, com o *seo* canto ás vezes monotonico e triste, outras vezes crocitante, n'um arremedo de passaro:

«De que me serve dar ais,  
Romper os ceos com gemidos,  
Se a distancia faz com que  
Meos ais não sejam ouvidos.

«Não boteis o lenço branco  
Na janella d'onde olhaes,  
Dá-lhe o vento, bole o lenço,  
Já cuidam que me acenaes.



«Fui passando pela rua,  
Santo Antonio me chamou;  
Quando o santo chama a gente,  
Que dirá quem tem amor!

La no *arto* do pinhero  
Um corvo dormindo está,  
Ae! o corvo é bicho feio  
Quá, quá, quá, quá.»

O dia despontava. A orla do firmamento pincellejada de sangue.

Bandos de passaros em alegre revoada, alvoroçados, como se tivessem despertado ao estampido da arma de caçador matinal, cruzavam-se por sobre a cabeça da comitiva.

Atmosfera clarissima, madrugada de beijos, leve, fina, transparente, melancholisada por uma pulverisação de sonhos mortos.

Madrugada bucolica, em que se respira o perfume que se desprende das flores agrestes, em que a nossa alma parece aspirar, a longos haustos, a grande alma da natureza selvagem; os pulmões dilatam-se, a imaginação aviva-se, e às vezes, quem sabe, no meio daquela liberdade immensa, nós, os escurraçados da ventura, nos sentimos escravos de uma recordação dolorosa.

Estavam proximos da roça. Os animaes, habituados a esse trajecto, mascavam o freio, anciosos pelo descanso que os aguardava ao termo da viagem.

O Euzebio, indifferente á tristeza do seo Tótó, cantava, pondo uma nota alegre no silencio monotono que se estabelecera entre os companheiros :

«La no portão da *manguera*  
Stavas tão triste, querida,  
Que eu não *sube* quar a tua  
Nem *quar* era a minha vida.

«Se eu parto, ficas chorando,  
Se eu fico, ficas zangada;  
Até parece feitiço  
Que te fez tão desgraçada.

«Nha Rosa, eu te quero bem,  
O meo coração é teo.  
Ae! nha Rosa, diga logo  
Se o teo coração é meo.»



Estavam a meio kilometro da roça, já ouviam o *acuar* dos cães dos camaradas que trabalhavam na construcção do rancho.

## IV

O *pichirum* começara animadissimo. Trabalhavam trinta homens na derrubada. Arvores enormes tombavam a golpes de machado.

Em toda a parte a alegria, a algazarra dos risos que se ia misturar á melopea tristissima do canto de um pequeno aleijado que, no rancho, soluçava modinhas, acompanhadas do trinado harmonioso de uma viola velha.

O pae d'essa creança enviuvara, ficando esse filho, envolto na saudade dolorosa daquella que elle amara tanto. Queria-o muito ; não podia deixal-o em casa; soffria de *mal de gottas*; trazia-o sempre comsigo, era tão doentio, coitadinho, que inspirava pena vel-o, esqueletico, livido como um cadaver, olhos cavos, um momo de desespero intimo a retorcer-lhe eternamente os labios.

Distrahia-se tocando viola ; e o instrumento parecia comprehender a sua missão: chorava, quando sentia os dedos do aleijadinho, tremulos e frios, roçarem de leve pelas suas cordas retesadas.

O pequeno cantava, sacudindo a cabeça n'um movimento extranho, debruçava-se sobre a viola, chegava muitas vezes a beijal-a n'uma especie de sensualismo louco, de nervos. A's vezes entrecortava as syllabas dos versos com grunhidos surdos, como se tivesse a lingua preza de uma paralyzia instantanea.

Os homens da roça riam; e o echo dos golpes do machado rolavam surdamente por sobre a copa dos pinheiros e se sepultavam no infinito vazio do espaço, como se a grande alma da natureza partilhasse da magoa profunda que chorava pelos labios enfebrecidos do misero aleijadinho:

«Ae! *nho* pae, quanta tristeza !  
Eu tenho pena de mim  
Por não poder *trabaiar*,  
Mas Deos foi quem quiz assim.»

E o velho Salvador, que se approximava do *rancho* para saber do filho se precisava de alguma cousa, ainda pode ouvir o final do canto; parou, estremeceo, e não pode conter as lagrimas; chorava murmurando palavras de piedade, repetindo o que ouvira:



«Por não poder *trabaiar*,  
Mas Deos foi quem quiz assim.»

O velho Salvador, penetrou, enfim, no *rancho*. O pequeno fitou-o e continuou a arranhar as cordas da viola. Ainda não se tinha sentado, quando ouviu gritos de *mata, mata, mata*; olhou e viu os seus companheiros de foices e machados suspensos, em attitude de golpe, a perseguirem, elle não sabia o que; desconfiou para logo fosse cobra, e nisso ficaria, se os gemidos de alguém que se approximava, não o fizessem ir ver o que houvera.

Não precisou ir longe, em meio caminho andado, encontrou o *seo* Tótó que vinha nos braços dos companheiros.

—«O que foi?... o que houve?» perguntou ao Pedrinho, que vinha pallido e suado.

—«Uma cobra, uma cobra picou o Tótó em dous logares.»

Um dos camaradas fôra buscar a rede para conduzir o Tótó para casa, outro fôra a procura do *surgião*.

Levado o *seo* Tótó para o *rancho*, o velho Salvador retirou o filho; tinha medo que fosse mordido por *seo* Tótó, n'um acesso de febre.

—«E' muito perigoso, é muito perigoso;» repetia elle conduzindo o filho erguido nos braços.

## V

Nha Vica ao avistar a rede, na qual o *seo* marido era trazido, apesar de prevenida, não deixou de sentir o calafrio dos grandes sustos percorrer-lhe o corpo, ir até a medula dos ossos. Ergueo os braços em cruz, levou a mão á cabeça:

—«Meo Deos, elle vem morto.»

Foi preciso que o Euzebio que viera na frente, para ver se o *surgião* já tinha vindo, levasse-a para casa, convencendo-a de que o *seo* Tótó estava vivo. Era verdade que tinha sido *picado*, lá isso era, porem não havia de ser nada, tantos têm sido!...

Entraram os homens conduzindo o *seo* Tótó na rede. Nha Vica correu para elle

—«Como vem branco, meo Deos; está doendo muito, Tótó?... Onde foi?... onde foi?... Tragam para aqui; a cama está prompta. Nho Pedro, mêce mande *vê o* *surgião*.»

—«Não se incommode, nha Vica; já foram o Euzebio e o compadre Felizberto; não ha de demorar.»

Momentos depois se apeava ao portão da mangueira o Euzebio com o tio Chico.



—«Mêce entre, tio Chico,» disse o Pedrinho, azafamado.

—«Nhor sim, ja *entramo* »

Conduzido ao quarto do seo Tótó, tio Chico, tratou immediatamente de examinar as partes offendidas. Corria os dedos tremulos pela perna, procurando o *cordão*. Derrepente parou; franzió a testa:

«Foi jararáca, não tem que ver. Abram mais aquella janella, está muito escuro. Nha Vica, mêcese *arretire* um pouco, que fique só nho Pedro.»

E tio Chico auxiliado pelo Pedrinho, continuava a despir o seo Tótó; queria ver se não tinha umas manchas pretas pelo corpo.

—«Que diabo, nho Pedro, o *home* está inchando! Seo Tótó... seo Tótó...»

Nada. O peito de seo Tótó arfava, olhos muito abertos, fixos n'uma das paredes lateraes, n'uma immobilidade de morte.

—«Seo Tótó...seo Tótó...Não *arresponde*, o *home* está surdo, não *hai* remedio. Em todo o *causo*, vou fazer uma *menzinha*; mas, não garanto... o *home* está surdo e cêgo.»

Tio Chico fazia os primeiros curativos quando annunciaram a chegada de outro *surgião*, onho Maneco Bemfica.

Logo na entrada do quarto, perguntou, antes mesmo de ter examinado o doente.

—«Que *menzinha* fizeram?»

Tio Chico abriu o *bocó* e mostrou-lhe a *pharmacia*.

—«Eu curo com isto.»

Nho Maneco Bemfica reprovou o tratamento; e os dous *surgiões* discutiram profissionalmente o meio unico applicavel na occasião.

Tio Chico discordou, e retirou-se meneando a cabeça.

—«Não amanhece, garanto que não amanhece.»

Nho Maneco Bemfica, conscio da infallibilidade de sua *therapeutica*, desfez o *serviço* de tio Chico, e começou outro, como elle entendia.

Passaram a noite em claro; seo Tótó, estava mal.

Na cosinha, chuchurreando o *chimarrão*, alguns vizinhos exaltavam as virtudes semi-posthumas do seo Tótó; contavam façanhas.

—«Era um moço divertido, onde elle *stáva*, ninguem podia estar quieto.»

—«Era levado,» resmungou uma velha, la de um canto.

Subito os gritos de *acudam...acudam*, pozeram a cozinha em alvoroço. Correram ao quarto. Nha Vica vinha desmaiada nos braços do Pedrinho e do Euzebio.



*Seo Tótó* tinha expirado

E os raios claríssimos de uma madrugada esplendida, entraram pela janella do quarto e foram beijar o cadaver de *seo Tótó*.

## VI

Na sala, sobre uma meza forrada por uma colcha de chita, repouzava o cadaver. Duas vélas de cebo ardiam nos castiçaes de folha, esbatendo sobre o rosto do morto um sombreado tremulo de luz. Suspensa da parede, pendia a oleographia de um *S. Simão*, para a qual de instante a instante todos os olhos se volviã n'uma supplica muda.

Os visinhos, que vinham para guardar o corpo do morto, entravam dando *o bãos dias*; e, chegando junto ao cadaver descobria-lhe o rosto, esparziam com um ramo de alecrim a agoa benta que alli estava depositada, n'uma tigella de louça, e la se iam juntar aos outros, para commentar o *causo*...

— «*Bãos dias* p'ra mêces todos.» E um velho alto e calvo assomou á entrada da porta, descobrindo-se.

Um murmurio percorreo a sala.

— «*Nho Maneco Faustino*, o encommendador de defuntos.»

Com pequena demora o *seo Faustino*, convidou o povo para a resa.

— «*Vamo que são hora.*»

Ajoelhado ante o cadaver, mãos espalmadas sobre o largo peito, o *seo Faustino* começou a ladainha.

E o canto, pouco a pouco, ia se erguendo, se erguendo e á distancia se ouvia perfeitamente. Canto profundamente triste, n'uma cadencia morosa de supplica, enchendo o silencio algido da noite, subendo para o firmamento impassivel, estendendo-se por toda a natureza, como mendigando um abrigo no grande coração das mattas.

Alguem que, por circumstancias superiores á sua vontade não, podesse ir *guardar o corpo*, em ouvindo a reza, descerrava as janellas e acompanhava-o chorando.

Quantas recordações! O pensamento, como um coveiro macabro, ia desepultando os cadaveres das recordações.

E o canto continuava n'uma plangencia funebre de lagrimas, invocando, supplicando a protecção dos Deoses inaccessiveis, para que as portas da eternidade se abrissem para receber aquella alma.

Terminada a encommendação, *seo Faustino* se erguera, e, n'uma imposita de cura de aldeia, tomou do ramo de alecrim e come-



çou de orvalhar o cadaver com agoa benta, estropiando phrazes latinas, que apprendera nos bellos tempos em que fôra sachristão.

—«*Kirie... eleson... Kriste eleson, pater nostre.*» Ao que o Euzebio, baixando a fronte, respondia: *Amen.*

Começaram as historias. Contava nha Chica *pernilongo* que houve não sei em que paiz, um homem que fôra amaldiçoado pelo padre, porque não ia á missa nem se confessava; e, quando morreo, estavam guardando o corpo, derrepente bateo uma ventania e apagou as velas. Quando tornaram á accendel-as, o corpo tinha desapparecido. Então foram procurar o *sinhô* padre e relataram o occorrido, e elle respondeo:

—«E' isso mesmo, meos filhos; foi Satanaz que levou o corpo, porque lhe pertencia; o morto era amaldiçoado; e assim acontece a todos os que não vierem á egreja e não respeitarem os padres que são ministros *privados* de Deos.»

O Pedrinho que escutava a historia interrompeo os commentarios:

—«Qual o que, os padres são assim mesmo; dizem isso para enganar o povo; mas a mim mesmo elles não enganam, porque conheço quem elles são: uma sucia de vadios que vivem do suor do povo.»

«Porque não vão trabalhar na roça, puchar o cabo de uma foice. Eu se fosse *subdelegado*, punha tudo que é pa re na cadeia. Eu não acredito nisso. E' *bobage* inventada para elles roubarem dinheiro do povo.»

E foi até á porta que dava para a estrada, repetindo:

—«Os padres, os padres; é *bobage*; eu não acredito no que elles dizem.»

E outras historias foram se succedendo, interrompidas ás vezes pelos apartes do Pedrinho, outras vezes pelo cigarro ou pelo *chimarrão*.

## VII

O sol, como um enorme topasio encrustado na saphira azul do firmamento, faiscava em refulgencias de ouro.

N'uma rede, suspensa de um *varejão*, conduzida por dous homens, seguira o cadaver de *seo* Tótó, para o cemiterio da villa.

Seguiam-n'o o prestito dos homens e das mulheres, que augmentava com as pessoas que esperavam em caminho.

No cemiterio, dous camaradas abriam os sete palmos de terra, onde *seo* Tótó dormiria o somno eterno dos bemaventurados.



Na occasião da sahida do corpo, nha Vica, n'uma violenta epilepsia de gemidos, abraçara-se ao cadaver, estorcendo-se n'um desespero de inconsolada.

O seo coração bem adivinhara alguma desgraça, quando vira o seo Tótó, alta noite, cantando e dançando. Coitado ! estava se despedindo do mundo.

E agora o que seria d'ella, o que seria d'aquella pobre creança que sentia revolver-se nas suas entranhas ? Não conhecer pae ! Nossa Senhora não fôra bôa para ella, não ouvira os seos rogos ! Matar o seo marido, deixal-a viuva, em vespera de dar á luz ! Não, Nossa Senhora não fôra bôa, porque não a castigou matando a ella e deixando o seo marido. O homem sempre vive; mas a mulher soffre muito quando enviuva.

. . . . .

Sol em agonia. Um crepusculo de lagrimas sudariza o cemiterio da villa. Ha no espaço um tropel de gemidos somnambulos.

Suspenso por cordas, sobre uma taboa, o cadaver do seo Tótó oscillou no espaço e desceo ao fundo da sepultura.

E os trez torrões de terra, do *rito*, cahiram das mãos de cada um dos presentes sobre o peito rigido do morto.

JULIO PERNETTA.





# VIA DOLOROSA

A Felinto E. Cordeiro.

---

Passem visões terríveis do meo tédio,  
A dor minha existencia mais algeme-a ;  
E a morte faça rindo o seo assedio,  
Que a vida me tem sido uma blasphemia.

Uma por uma as gottas da esperança  
Da ambula da minha alma têm vasado ;  
E, quando o desespero nos alcança,  
Ou endoudece, ou torna desgraçado.

Cada lembrança um grito desenterra  
De um passado que rio, de uma alma ignota ;  
E eis-me como uma esphinge, a dar á Terra  
O olhar sem expressão da pedra immota.

Se uma alma busco a minha dor abraço,  
E a luz vejo-a tão longe, ceo maldito !  
Nas estrellas perdidas pelo espaço  
Como gottas geladas no Infinito.

Immensa noite que desvaira e intangue  
E onde a imaginação, que já se apouca,  
Revolve-se entre lagrimas de sangue,  
Ossadas triturando herege e louca.

A duvida roaz meo seio chumba  
E cresce-me na vida, onde a retive,  
Como um cypreste á beira de uma tumba  
A perguntar se alli se morre ou vive.



E n' este exilio em que minha alma treme,  
Sendo estrangeiro da felicidade,  
O inverno avança e a primavera geme,  
Porque a dor amortalha a mocidade.

Entretanto minha alma era festiva  
Como um ninho de passaros alerta,  
E resta-me somente a imagem viva  
De um sonho morto e de uma cova aberta.

De tudo o que eu amei sò tenho a imagem ;  
Nem uma crença para dar conforto ;  
E a minha cova ha de pedir passagem  
Para um proscripto duas vezes morto.

SILVEIRA NETTO.



## HEÍLAS !

Pertencem-te o esplendor das formas fulguerosas,  
E o luar desse olhar que um mar contem, sombrio,  
E o opulento coral do rosal onde as rosas  
Se alinham (com que alvura !) em perolas a fio ..

Tua,—a eclosão lyrial do val onde as formosas  
Magnolias da Illusão estão num vivo estio,  
(Não fragorosas náos de noites tempestuosas  
Que abrem vélas á flor do Horror no frio rio...)

Teos os seios e as mãos ; seios cheios de tardes  
Morenas e outonaes, somnambulos occasos,  
Que... (homens! comprehendereis quando bastante amardes !)

Tuas,—a fronte insonte, e os pés, e a coxa, e o vulto,  
E toda alma a cantar dos teos beijos nos vasos...  
Mas... meo—o sol do Amor na minha Dor occulto !

LEONCIO CORREIA.



# FLORES DE LARANGEIRA

A meo primo M.....

Seguem hoje as flôres de laranjeira de tua encommenda — umas flôres adoravelmente candidas, como a candidez adoravel da tua affectuosissima noiva.

Ora, imagina, meo idolatrado primo, que ao comprar o precioso artefacto do teo pedido, salteou-me a mente uma endiabrada idéa atroz, que só a virginal pureza da tua eleita podia suggerir. .

Uma idéa lugubre, de uma excentricidade bruptal, trêfega, mas invencivel, piamente invencivel!...

Ouve lá, charo primo: Quem me vendeo essas flôres foi a modista Berthier, uma loura franceza jovial, muito bonita, com ares de elegante boneca parisiense, mas pouco escrupulosa em questões de moralidade.

Em meos tempos de bohemia collegial, Berthier, que já manufacturava em S. Paulo objectos de casamento, teve amores escandalosos com um fidalgo devasso, cuja vida passara entre o calor das orgias esgalgadoras da sua estudada diplomacia de requestador de mulheres.

Diziam lá que o *canudo* do Passeio Publico, aquelle celebre ponto de admiração escarnicante, onde muita vez o adulterio e o defloramento se escorjavam impunemente, servira de theatro ás libertinagens horizontaes de Berthier com o fidalgo...

Ao encarar a franceza, unica modista desta terra, me chegavam em revoadas, como um bando de gralhas estonteadas, mil pensamentos desagradaveis em relação a essas flôres de pellica branca, espipando em meio desses pensamentos a tal idea atroz, que te revelo muito em segredo, certo de que não irás, lá por qualquer leviandade compromettedora, contar á tua gentilissima e muito virtuosa Alice.

Vê lá o que fazes!...

—0—

Meo primo.

Não te parece que o mal do corpo tem uma tal ou qual semelhança com o mal do espirito?



Não te parece que o primeiro e o segundo, se bem que provenham de genese diversa, teem todavia sua séde na fragilissima natureza humana?

Has de concordar que sim, diante de factos irrecusaveis.

Manusea qualquer pathologista contemporaneo, e verás que os agentes morbificos, como a loucura, a siphilis, as molestias cardiacas e pulmonares, transmittem-se com muita facilidade de pae para filhos, contaminando gerações inteiras de males antiquarios, que atravessam a basta camada dos tempos como uma herança maldita, zombando até dos proprios preceitos hygienicos.

A hereditariedade das enfermidades já não é uma simples investigação medica; constitue um grande axioma scientifico.

Vulpian e Charcot estudaram e descobriram essa verdade, que Lombroso, em seos raciocinios medico-legaes, pôz em evidencia para enriquecer os fastos da criminalogia moderna.

Pois bem, existe muita affinidade entre a doença corporal e a doença espiritual.

Has de te lembrar que a luxuria de Aggripina encontrou accesso franco no intimo de seo filho Néro. Ambos soffreram da mesma anemia moral de que nos fala a historia.

A tradição dos Borgias, dessas assombrosas estatuas da depravação e do cynismo, ainda ahi está viva e palpitante de lubricidade. Lucrecia, que representa o typo do deboche em sua mais larga manifestação de torpezas sem nome, confirma plenamente toda a profundidade degradante dos instinctos de sua familia.

Outros e outros factos, tirados ao acaso do meio em que vivemos, vêm attestar que a materia prolifica é o vihiculo mais curto dos sentimentos que sobrenadam á flor da vossa melindrosa *psychose*.

Essa assimilação physico-psychologica, esses pontos de contacto entre a materia e a espiritualidade humana, deram ensanchas á conhecida theoria da percepção externa, com que Spinoza procurou demonstrar o equilibrio existente entre a alma e o corpo, equilibrio d'onde resultam todos os phenomenos physicos e moraes do individuo.

Um sabio francez, Debay, depois de haver bisturilizado os mais escuros recessos do mechanismo gerador, desde as elasticas dimensões do ovario até as dobras aphrodisiacas da vulva, declara que da união carnal se diffundem todos os defeitos dos procreadores na quasi microscopica personalidade do embrião.



E' quasi certa a neurasthenia no bastardo do adulterio. E' muito possivel que o filho do assassino, concebido apóz a petração de um crime, se incarne na tetrica imagem do procreador.

—

Taes considerações, primo e amigo, fizeram-me crêr que a impureza da Berthier, tambem podesse ser transmissivel, mas de uma forma muito original, só por mim imaginada...

Ora, adivinhalá o meo raciocinio...

Pensei que o fogo daquelles labios, por ventura erradios nos artefactos de noivado, tivessem a facilidade de levar para longe toda a corrupção da appetitosa franceza, e que o malefico *virus* da luxuria, por descuido cahido n'uma dessas inodoras flôres de lorangeira, a chispa dos olhares lubricos da modista, occulta nas repregas da grinalda, qualquer fragmentação emfim daquelle corpo tismado pelo irrefreamento do sensualismo, podessem inocular n'alma dos noivos o germen da depravação.

Isto, segundo a minha paradoxal idea, affigurou-se-me mui realisavel, perigosamente realisavel.

Porem, tudo isso não passa de phantasia, de uma impressão momentanea, que tu não deves levar ao conhecimento de Alice, cuja sensibilidade, por certo, revoltar-se-hia contra as minhas infundadas apprehensões.

Toma cuidado, pois, e não vás dizer cousa alguma ao risonho objecto de teos sonhos...

Vê lá o que fazes !...

As flôres de lorangeira devem ahi chegar purissimas como a neve, embora tocadas pelas mãos profanas da Berthier.

Mas olha-as todos os dias, antes de te casares, afim de que o calor de teos olhos amantes, crestem qualquer microbio terrivel que ellas contenham.

Beija-as com o fervor de tua alma de noivo, para que ellas ainda mais se purifiquem.

Beija-as, meo primo, porque eu, com toda a força da minha dedicação, procurei livral-as da torva influencia da modista, imprimindo-lhes um osculo, que é o primeiro que ellas segredam na brancuridade apreciavel de suas petalas.

NESTOR DE CASTRO



## ETHNOLOGIA BRAZILICA <sup>(1)</sup>

O 14 fasciculo do tomo II, anno II, do *Cenaculo*, desperta-me estudos que pacientemente fiz outr'ora, que não foi-me lícito concluir, porque elles reclamam um campo vastissimo, tempo muito folgado e longo para exclusiva contensão, e sobretudo elementos completos em opulento museo.

Quando taes estudos, que bem adeantados iam, eu interrompi, em grande febre agitavam-se entre nós as questões ethnicas e ethnologicas; a anthropologia achava-se no desfructo do maior favor dos estudiosos.

Compellido a dirigir alhures minhas vistas, repousava tambem eu na esperança de fruir dos resultados, que colhessem outros.

Achava-me de posse dos excellentes e primorosos trabalhos do douto e indefesso Barboza Rodrigues; e, com a maior avidez, buscava nada perder do inditoso Carlos Frederico Hartt e de Orville Derby.

---

(1) — NOTA DA REDACÇÃO — O artigo supra, que nos foi enviado pelo auctor, diz respeito á questão do Indianismo. Ha, nesse mesmo artigo, algumas referencias aos membros do *Cenaculo*.

Temos o prazer de garantir ao Sr. Dr. J. J. de Carvalho que os Redactores desta Revista são moços que estudam, porque idolatram o estudo; e não merecem que se lhes ponha em duvida a sinceridade de suas convicções. Creia o illustre facultativo, não nos deixaremos "esbarrar satisfeitos nas efflorentes superficialidades do estudo", e temos o bom senso preciso para não perder tempo inutilmente com "bombasticas palavras".

"O *Cenaculo*, em seo evoluer progressivo, tem mantido a immaculada linha de conducta, delineada em o primeiro fasciculo. Como então, comprehendemos nitidamente o dever a que nos impozemos; etc. ».

Estas phrases, com que abrimos o fasciculo 10.<sup>o</sup> — primeiro do tomo presente, — não teem sido desmentidas pelos acontecimentos.

Naquelle mesmo artigo inicial, — em aventando já a questão do Indianismo, — dissemos :

« Ficou resolvido, desde Dezembro findo, pugnarmos por essa idea, — acceitando « penhoradissimos, em as columnas desta Revista, tudo quanto possa interessar á vida e « costumes de nosso Selvagem.

« Não pretendemos continuar a litteratura *indianista*, nos moldes vazados por Domingos « de Magalhães e José de Alencar; procuraremos interpretar o Indio, elucidal-o, — se assim « é possível, — apresentando-o como verdadeiramente se o encontra, — estudando-o como « factor indispensavel á caracteristica do povo Brasileiro. »

Queira o Sr. Dr. J. J. de Carvalho, ser precioso factor desta causa que, em bôa hora, suppomos, O *Cenaculo* abraçou, — e muito lhe ficará devendo, por certo, a *Ethnographia Brasileira*.

Coritiba, 17 de Junho de 1896.

Pela Redacção: Dario Vellozo.

Rua Silva Jardim, n. 108.



Então eu tinha também encantador respeito pelo Dr. Ladislao Netto, que por muito, a mim e a outros, se affigurou um sabio, até que circumstancias extraordinarias o vieram descobrir como um mero e monstruoso plagiario.

Em 1881, ha 15 annos, um joven naturalista e artista francez, chamado Paul l'Epine, que tinha por algum tempo residido no Egypto, em trabalhos com o Sr. Nandy, foi convidado para o Museo Nacional do Rio de Janeiro, a fim de, por ordem do imperador, tirar copia de hieroglyphos, que tinham de ser remettidos ao Sr. Maspero, professor de egypcio em Paris, que então se achava em Mariette Bey, no Egypto.

Depois o Sr. Ladislao Netto o contractou para copiar as figuras de barro de Marajó, chamando sua attenção para o que havia observado o Dr. Hartt, a respeito dos ornatos formados por linhas derivadas de contornos de cara humana.

Alem de largos conhecimentos de egypcio e de chinez, dava-se uma circumstancia mais em Paul l'Epine: elle residira por algum tempo no Mexico, onde estudára os hieroglyphos mexicanos.

Este conjuncto de factos harmonicos devia naturalmente conduzir Paul l'Epine a confrontos com os symbolos dos barros ceramicos amazonicos.

O plagio monstruoso do Dr. Ladislao Netto ficou patente, evidentissimo; e chegou até a ser escandalosamente descoberto pelo *Jornal do Commercio* de 18, 21, 25 e 27 de Outubro de 1885, em austerissimos artigos que lhe dirigio o Dr. Ferraz de Macedo, e em outras violentas publicações, a 20 de Janeiro, 28 de Fevereiro e 25 de Março de 1886, que pela *Gazeta de Noticias* fez o Dr. Sylvio Romero.

Confesso nunca ter visto mais desastrada quéda de Icaro; confesso que um suicidio nunca me pareceo tão cabalmente justificado!

O Dr. Ferraz de Macedo chegou á crueldade de publicar uma extensissima e notabilissima carta de Paul l'Epine, dactada de 17 de Outubro de 1885, em que este viajado, intelligente e douto naturalista confessa ser o auctor do que por seo publicára o audacioso Sr. Ladislao Netto.

Que cousa monstruosa é o plagio!

D'Israeli em sua obra *Amenities of literature*, e Ludovic Lalanne nas *Curiosités litteraires*, que possuo, apontam numerosissimos plagios.



No seculo XV alguns atrevidos copistas arrogaram-se a originalidade de importantes manuscriptos da antiguidade grego-romana.

Leonardo Bruni d'Arezzo, achando um manuscripto grego de Procopio, sobre a historia dos Godos, publicou-o com seu nome em latim, sem suspeitar que, depois de sua morte, em 1444, a verdadeira fonte podesse ser descoberta.

Perotti, arcebispo de Manfredonia, por se acharem ainda ineditas as fábulas de Phedro, teve o arrojo de intitular-se auctor de muitas d'ellas.

O trabalho *De gloria*, de Cicero, foi destruido pelo Veneziano Alcyono, depois de, em seus escriptos, arreiar-se fatuamente com as principaes passagens do manuscripto unico do grande orador.

Machiavel é accusado de haver furtado o manuscripto *Apophtegmas dos Antigos*, de Plutarcho.

Antonio Doni roubou a traducção das *Epistolas* de Seneca, feita por Sebastião Manilio.

Sancto Ignacio de Loyola é accusado de haver copiado á letra, nos seus celeberrimos *Exercicios espirituaes*, o escripto do mesmo genero do abbade de Montserrat, Cisneras, fallecido em 1510.

Voltaire queixa se de que sua *Histoire de Charles XII* fosse pilhada pelo padre Barre, que a metteo em uma historia d'Allemanha, em dez volumes.

Corneille, de cuja boa fé não me parece licito duvidar, no *Polyeucte* diz da Fortuna :

« Et comme elle a l'éclat du verre,  
Elle en a la fragilité. »

Ora, estes dous versos, exactamente os mesmos, os mesmíssimos, quinze annos antes de Corneille escrever o *Polyeucte*, haviam sido escriptos por Godeau, bispo de Vence, em uma ode ao Cardeal de Richelieu.

A ode é de 1625 ; o *Polyeucte* de 1640 !

Corneille teria lido e decorado esses versos, suppondo-os mais antigos e desconhecidos no momento de enxertal-os, ou espontaneamente ter-se-ia encontrado com Godeau na perfeita similitude do pensamento e da fórma ?...

Facto identico occorreo com Racan, e d'esta feita tractando-se de uma quadra inteira

Virgilio não reproduzio tantos versos de Ennius ?...

Camões não traduzio tantos de Virgilio ?...



O critico Malone, em 6043 versos de Shakspeare, achou 1771 em tudo, exactamente em tudo, os mesmíssimos escriptos por outros poetas predecessores; 2373 tambem um tanto semelhantes a outros já conhecidos, mas refundidos e disfarçados; só restando 1899 versos shakspeareanos originaes !!!...

Nos arraiaes da nossa litteratura portugueza temos tambem interessantissimos casos:

O padre João de Lucena, na *Vida de S. Francisco Xavier*, fez verdadeiras e tristes delapidações ás *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto.

O chronista Garcia de Rezende roubou Ruy de Pina.

Diogo Bernardes roubou versos de Camões, facto pilhado pelo douto Faria e Souza.

Emfim o proprio *Camões*, de Garret, foi, em 1839, reimpresso na Bahia por um cynico menestrel, por um desaforado piégas, que o offereceo, dedicou e consagrou, como producto de seu engenho, á dama que o maroto requestava.

Ah! o plagio !!! O plagio !!! que cousa monstruosa !!!,

Os importantissimos trabalhos do notavel joven orientalista francez Paul l'Epine, induzem e arrastam forçosamente a consequencias extraordinarias e novas, sobre a origem evolutiva artistica das raças d'America, onde evidente fica que os symbolos amazonicos são analogos aos egypcios e aos chinezes.

A leitura e interpretação critica da ceramica amazonica conduz insensivelmente á prova de uma emigração ou migração da raça amazonica, cujo exodo, e talvez a derrota, parece achar-se indicada no vaso do necroterio de Pacoval, cujo desenho o sr. Ladisláo Netto, por não saber entender, publicou invertido, cuja traducção possuo, feita pelo erudito Paul l'Epine.

Reconhecida e authenticada a similaridade entre os symbolos dos vasos de Marajó com os do Egypto, Mexico e China, a conclusão logica, a que somos, forçosa e inilludivelmente, impellidos, é que existio na America uma civilisação commum aos povos da Asia, e ás primeiras tribus do Egypto.

Esta asserção revela-se com perspicuidade, analysando os productos deixados por aquelles habitantes dos rochedos na America, *Cliff-Dwellers*, ou examinando os productos artisticos encontrados nor *Mound-Bouilders*.

Sem ir mais longe, a archeologia, pelos objectos ceramicos, fornece-nos as mais irrecusaveis provas de uma communicação



antiquissima entre a America e outros povos remotos, pois que a capacidade, a forma e a ornamentação dos vasos americanos é semelhante á do antigo continente, especialmente pela tenuity e elegancia, ainda que, até ao momento actual, ignoremos os elementos chimicos empregados em sua colorisação, variadissima e mui fixa.

Mui ao envez dos Gregos e dos Romanos, os habitantes da America pouco usavam de figuras lascivas, tanto nos productos ceramicos, como na esculptura; todo o vasilhame, porém, destinado á conservação das bebidas, á arte culinaria, ao serviço da mesa, ás alampadas, aos vasos de beber, aos serviços funerarios, aosapparelhos de fumadores, aos objectos de arte figurativos naturaes — de fructos, de plantas, de animaes, do homem, de combinações imaginosas — etc., é sorprendente em geral e em particular em relação ao rosto humano, que forçosamente devia representar retratos contemporaneos, feitos por artistas, que os executavam não só com delicadeza, até com verdadeiro talento.

Não se pode negar ter sido por muitos vasos que nos foi transmittido o conhecimenio da forma dos vestuarios, naquelles remotos tempos usados.

Nada se pode conhecer pelo Museo de Coritiba, louvavel esforço de um só homem desajudado; mas taes estudos é licito fazer com vantagem nos Museos de S. Luiz e do Rio.

. . . . .

As relações das duas civilisações egypcia e chinesa derivam de uma primitiva população, que no Egypto teve o culto solar, chamada os *Kemitas*, designação topographica (*Kem* — o rio, nome primitivo do Egypto), civilisação que foi analoga tambem á dos *Sumir* (*Sumeri*, a gente do rio; *Snomi*, o rio segundo Cástren) da civilisação accádica da Chaldéa.

No *Papirus* de Bulak vêem citados os *povos de pelle branca*, como primeiros habitantes do Egypto, aos quaes no capitulo X do *Genesis* chamam os *Anamin* ou *An*, nome a que corresponde na Chaldéa o do deos *Anu*, isto é, o ancião dos Dias, e no Egypto o deos *Han*, o deos ancião.

Portanto a relação da civilisação chinesa com a egypcia explica-se hoje por derivarem ambas de um fundo commum, a que os eruditos modernos chamaram *civilisação turaniana*, e de que a civilisação accadica da Chaldéa é o documento mais antigo, que conhecemos.

Por ignorar esta origem da civilisação da raça amarella, que



teve a sua séde na Asia anterior, é que o historiador brasileiro F. Warnhagem, visconde de Porto Seguro, em seu livro os *Tupi-Guarany*, cuja leitura tambem recommendo aos moços, que ora estudam estas interessantes questões, approximou as antiguidades americanas, — como o expremedor da mandioca e o vocabulario tupi, — dos usos egypcios e da lingoagem copte.

D'este erroneo confronto facilmente foi o nosso erudito levado á these aventureosa da origem egypcia da civilização americana, quando estas analogias de maneira alguma derivam da comunicação com imaginarios navegadores egypcios, mas são unicamente originadas d'esse fundo commum da civilização das raças amarellas, trazido para a America pelas tribus mongoloides, que para aqui migraram do continente asiatico.

As analogias com os symbolos mexicanos são a prova de que os caracteres hieroglyphicos amazonicos pertencem á essa raça mongoloide, que continuou a sua migração de norte a sul.

O problema das origens budhicas na civilização americana está tambem invertido, por falta de um justo criterio historico.

O budhismo nasceo de uma assimilação das crenças e concepções moraes das raças amarellas com quem os Arias orientaes se viram em contacto. Por consequencia, essa revolução religiosa, que ataca o brahamanismo, conservou os elementos tradicionaes primitivos aos turanianos das raças amarellas ; e é por este fundo ethnico, tão bem definido por Senart, que logicamente se explicam as similaridades, que transparecem na antiga civilização americana.

Neste ponto, embora no fundo identica a nossa opinião, como por vezes practicámos Sylvio Romero, o finado Tantphans e eu, divergimos comtudo, porque eu mantenho e sustento estas idéas, que para Sylvio Romero são *Braquismo*, e que elle jamais por outras substituiu.

Wilson Tylor e Alexandre Humboldt notaram as analogias que existem entre as tradições mexicanas e da India ; mas a India aqui representa as impressões deixadas pelas raças amarellas sobre os Arias.

E' neste sentido que eu acceito o confronto dos hieroglyphos indianos, regeitando absolutamente a these de Fidel Lopes, e bem assim a do nosso Warnhagem, por falsas e de todo deslocadas.

Notamos, pois, que, antes do pouco desenvolvimento da raça branca, a raça amarella teve uma civilização quasi completa, que a levou á posse do globo pela occupação da America.

Tudo quanto se descobrir na America, que seja analogo á



cultura chinesa, egypcia ou indiana, não deriva de nenhum d'estes focos, mas sim de uma epocha em que tribus mongoloides, nas suas migrações, fixaram durante a sua occupação as formas do estado social, em que se achavam, quando se separaram da sua séde asiatica.

. . . . . , .

Eu já disse que meos estudos interrompidos foram.

Oxalá estes moços de hoje, com seo ardor nativista, dizendo-se cultores devotados do indianismo da litteratura, em seo grito de guerra pelo indio, não se esbarrem satisfeitos nas efflorentes superficialidades do estudo.

Assim nada terão feito, nem ao menos digno de sua inexperiencia, que ora muita lhes desculpa.

Querem elles ou não estudar? !

Ethnologia não se faz com declamações rhetoricas.

Alexandre Rodrigues Ferreira, nos fins do seculo passado, disse tudo quanto era licito sobre os Indios Amazoicos, sem esquecer os *ceramios*.

Em 1860 o poeta Gonçalves de Magalhães publicou a memoria *Os indigenas do Brazil perante a historia*; Gonçalves Dias, poucos antes de sua morte, lia o interessante livro *O Brazil e a Oceania*, publicado pela "*Revista do Instituto*" em 1867, encerrando varias noticias sobre os *Tapuias* e seos successores *Tupis*; em 1863 o distinctissimo germanista brasileiro Dr. Th. Alves Nogueira publicou a dissertação *De Americanorum gentium origine*; em 1867 o venerando Felipe de Martius deo ao publico as admiraveis *Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*; em 1871 o Dr. Carlos Kath publicou a *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa e o interior do Brazil*; em 1874, o Dr. Couto de Magalhães deo sua opulenta *Memoria Região e raças selvagens do Brazil*, e dous annos depois reeditou o livro com o só titulo *O Selvagem*,—então accrescido de uma grammatica tupi e de um punhado de contos indianos; em 1876 Barboza Rodrigues publicou seos *Ensaio de sciencia*; nesse mesmo anno, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* apparecem os valentes estudos de Baptista Caetano architectando verdadeiro monumento linguistico; em 1876 Warnhagem publicou seo livro *Origens turanas dos Americanos Tupis-Carahibas*; mais tarde o nosso historiador deo-nos a bella edição de Montoya; em 1876 o celebre botanico Freire Allemão fez diversas publicações sobre os indigenas sob o ponto de vista medico; Gonçalves Tocantins



sobre o ponto de vista archeologico e ceramico ; os doutores Baptista Lacerda e Rodrigues Peixoto imprimem seo primeiro estudo de craniometria ; modernissimamente grandes e notaveis trabalhos, quaes : *Das edades da pedra e do bronze no antigo e novo mundo*, pelo professor Worsæ ; *a Industria primitiva ou exposição das obras de pedra, de osso ou argilla das raças indigenas do lado do Atlantico da America do Norte*, pelo Sr. Charles C. Abbott. *Estados Unidos*. 1881 ; *Viagem e Pesquisas na America do Norte*, por Ten Kate, Leyde. 1885 ; *Os Indios da California*, por F. W. Putnam. 1880 ; *Descoberta da America pelos Normandos no 10 seculo*, por G. Gravier ; *Os autochtones da America*, pelo professor J. Kollmann, 1883 ; *Dos modos de sepultura dos indios da America*, pelo Dr. H. C. Yarrow. Washington. 1880 ; *Medida das differentes raças humanas*, por Weisbach. Berlin. 1878 ; *As artes desconhecidas*, por Emilio Soldi ; *O vasilhame nos antigos habitantes da America* ; etc. etc.

Este não pequeno resumo bibliographico, que apenas aqui deixo indicado, serve para denotar aos estudiosos quanto já ha respigado, e por onde lhes cumpre enveredar os corajosos passos, se ha seriedade em seo proceder, se, como bem creio, ha nelles muito mais do que a fatuidade de bombasticas palavras.

Pela homotypia craniana de varias zonas reputadas autochtonicas, provada pela morphologia (1.<sup>a</sup> these), e pelas heterogenias individuaes reveladas por observações physico-psychologicas (2.<sup>a</sup>), se poderá chegar á resolução de magnos e interessantissimos problemas ethnicos, ethnologicos e anthropologicos.

Ha ou é licito nutrir esperanças de fazerem-no os nossos estudiosos aqui ?

Eu o desejo sinceramente.

DR. J. J. DE CARVALHO.





# A PARABOLA DO AMOR

*(Setembro. Ria a Primavera pela bocca das rosas. Já lá vão trez annos ...)*

EU

— Primavera, faze-me protegido teu; o inverno, que ha pouco se foi amortalhado na propria névoa, caminho do Campo Santo da Transformação, — deixou-me ás portas da Vida. Sinto que vou entrar na idade do Amor.

Antes de vir ter comtigo, vi Alguem que tinha no olhar a candura do teu olhar e na bocca a meiguice da tua bocca.

A PRIMAVERA

*(Indicando-me o Oriente)* — Vês o horizonte em chamas?

EU

— E' o prenuncio das grandestempestades da alma humana.

A PRIMAVERA

— E' a approximação da Vida. Aquella cor vermelha é o Sangue da Natureza. O Sol é um composto de Sangue.

EU

— E o que tem o Amor com o Sol?

A PRIMAVERA

— Tudo. Um Sol aponta no horizonte para dar vida á Natureza; os corações queimam-se ao calor do Sol do Amor. Disseste que amas...

EU

— Suppunha...

A PRIMAVERA

— Não amas, de facto. O amor não admite duvidas. O que se passa presentemente em ti, passa-se tambem no Oriente neste momento. Em ambos ha a approximação da Luz que é a Vida.

Essa luz, na Natureza, chama-se Sol; nos corações chama-se Amor.

Vês somente o horizonte em chamas e julgas ver o Sol em todo o seu esplendor!... Tens muito que errar o caminho da Vida. Segue-o, segue-o, como te approuver.

Quem te disse que a Primavera é a Deosa do Amor?



EU

— Presenti-o. . .

## A PRIMAVERA

— Não te mentio o instinto; entretanto, não quero crentes que não saibam o que é a Provação e o Desconsolo; — quero convertidos, que venham a mim depois de provarem todas as torturas da Vida. Vae !

EU

— Irei, mas crente de que a Deosa do Amor é igualmente a Deosa do mal.

## A PRIMAVERA

— O Amor não tem Deosa. Nem eu o sou, nem ninguém o é. Venus, a teo vêr, não o é também: Venus será, antes, a Deosa do Impudor. Cupido o Deos da inconsciencia. (*E foi-se*).

EU (*só*)

— Irei. Procurarei recordar o caminho da casa da mulher que vi ao entrar na estação do Amor. Tenho della umas vagas reminiscencias... é uma casa azul... uma palmeira defronte... Errarei decerto por muito longe, antes de encontral-a... Que importa!..... A Primavera disse-me que o Amor acceita de melhor grado convertidos, que fieis inconscientes, embora submissos.

(*E parti. Decerto divaguei, em inexplicavel somnambulismo, por muito longe, por muito tempo. Encontrei-a, alfim! Esperava o stygma do seo despreso e deo-me o sello do seo perdão!...*)

ELLA

— Quando te encontrares com a Primavera, dize-lhe que já sabes explicar a sua parabola. Dize-lhe que agora comprehendes a razão porque o Amor não tem uma só Deosa para todos...

EU

— E' que cada um sacrifica ao Amor, no altar da pessoa amada!....

ROMARIO MARTINS



## RESPIGAS

11 — VAGAS, por Sabino Baptista. Edição da *Padaria Espiritual*, Ceará, 1896. (Bibliotheca da «Padaria Espiritual»).

Recebemos do Sr. Sabino Baptista o seo volume de versos, denominado VAGAS, editado pela operosa Padaria Espiritual, do Ceará.

O auctor que, n'um verso, diz ser a sua lyra joven ainda, mostra-se com talento em algumas poesias em que soube despegar-se mais de moldes extranhos, fazendo prevalecer a sinceridade; em outras submete-se á inteira influencia de outros poetas, sacrificando descuidosamente a autonomia e o merito do seo trabalho; finalmente, versos fracos, e entre elles alguns errados, desharmonizam consideravel parte do livro.

Nas REMINISCENCIAS, onde ha inspiração e sentimento exaltando diversos quadros, estes versos :

eu era teo, só teo, unicamente,  
tu eras minha, unicamente minha...

são filhos destes soberbos alexandrinos do grande sonhador das ONDAS :

E tu podias ser, tu que és formosa e artista,  
—Minha, somente minha e eu teo, somente teo.

A BALLADA ERRANTE é imitação mediocre da *Canção Perdida*, de Guerra Junqueiro.

Os versos, da pagina 25 :

Por onde a rir vae-se existencia fora...

da pagina 33 :

Que, adormecida, jamais vibrou n'elle.

accusam rudemente falta de metrica e de muzica.

Estes são exemplos que tomamos á primeira vista.

Entretanto as poesias UTAS, NO MEO ANNIVERSARIO, parte das REMINISCENCIAS, têm alma e arte no modo de exprimir o sentimento.

Esta quadra do ADEOS :



Bramia o mar potente e soberano,  
e elle nervoso, tremulo, febreinto  
disse-lhe adeós... Que esforço sobrehumano  
fez p'ra occultar o amargo soffrimento !

é de uma sinceridade tocante.

As VAGAS do Sr. Sabino Baptista são verdadeiramente o que dizem os jornaes todo dia:—uma promessa.

O poeta cearense precisa levar mais em conta o magno valor da personalidade artistica; dispendar maior escrupulo no burilamento da sua obra; dar, emfim, desse modo e com o predomínio de versos inspirados, maior vulto ao sentimento e á arte que deixa entrever em algumas bellas estrophes das VAGAS.

## Com o Cenaculo

Da *Astreia* (Minas):

« *O Cenaculo*, revista mensal, editada em Coritiba - Paraná, sob a illustrada redacção do sr. Dario Vellozo. O numero que temos á vista, traz interessante prosa e esplendidas poesias. »

Das *Bôas Novas* (Campos,) de 15 de Maio:

« A redacção de *O Cenaculo*, gentilmente nos endereçou trez fasciculos da sua importante revista, que vê a luz em Coritiba, trabalhos de muito merito, sendo impressa com apreciavel nitidez. Agradecidos. »

Do *Guaraná* (Guaraná), de 17 de Maio :

« *O Cenaculo*, magnifica revista litteraria publicada em Coritiba, Paraná; sob a intelligente redacção de Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga. O numero que temos á vista (13.º do Tomo II, do 2.º anno) traz doze excellentes artigos, firmados pelo seos redectores e outros conhecidos escriptores. »

D' *A Republica* (Coritiba), de 2 de Junho:

« Recebemos o 14.º fasciculo desta importante revista que nesta capital se publica.

« Traz o retrato de Mello Moraes Filho, e é quasi que inteiramente dedicado á questão indigena, que ora se aventa, pode-se dizer dirigida por Mello Moraes.

« *O Cenaculo* pois, dando o seo retrato, presta justissima homenagem a esse illustre brasileiro. As notas biographicas e o elogio de Mello Moraes Filho, são feitos por Silveira Netto que muito bem diz em seo artigo: — « Esta homenagem feita ao dr. Mello Moraes Filho prende-se naturalmente, á propagan-



« da de nacionalisação requerida em todos os terrenos pelo  
« momento de instabilidades e de prenuncios reformadores que  
« atravessamos. »

« Segue-se um bom artigo de Julio Pernetta, intitulado  
*O selvagem Brasileiro*, onde o illustre moço affirma que « o  
« amor instinctivo do solo, eis o que levou o selvagem brasileiro  
« ao campo da lucta, onde se batia com extraordinario heroismo ».

« Um artigo de Rocha Pombo, sobre o modo de escrever-se  
o vocabulo indigena Paraná, concluindo d'ahi que, sendo a  
sua significação « semelhante ao mar » « nada mais natural do  
« que concluir, e concluir com toda a segurança, que os pri-  
meiros visitantes do rio que tem esse nome, já conheciam o mar.

« — *Vendo-a*, de Leoncio Correia, soneto cheio de uma ver-  
dadeira idealisação de poeta, de uma impecabilidade sem  
limites, rithmico como os sons das harpas éolias, atravessadas  
nas ramagens e tilintando ao bafejo suave da brisa.

« — *Lenda do morro feiticeiro*, por S. E. vos Saporski;  
bem interessante e bem contada.

« — *Pelos Indios !*, de Dario Vellozo. Continuação de um  
bem formulado estudo, onde o espirito preparado desse illustre  
moço revela-se profundamente investigador.

« — *Abaré ! Abaré !*, de Romario Martins.

« — *Exclusivismo*, de Ricardo de Lemos. E' a melhor pro-  
ducção poetica desse esperançoso moço. Esse soneto revelou-o;  
nelle ha firmeza de ideas e conhecimento dos muitos mysterios  
da poesia.

« Venha pois de lá um abraço a este triste chronista.

« — *A Evolução*, do dr. Carvalho de Mendonça. Estudo con-  
sciencioso e profundo, que não deve deixar de ser lido por  
ninguem.

« — *Respigas*, por Silveira Netto. Noticia dos ESQUIFES de  
Dario Vellozo, que termina com esta phrase de ouro :

« Com o livro e a imprensa livre e honesta, illumina-se me-  
tade do futuro. »

R. M. »

FIM DO TOMO SEGUNDO



# 

	Pags.
O CENACULO, por Dario Vellozo . . . . .	5
MATINAL, de Elyzeo Montarroyos . . . . .	6
GALERIA DO CENACULO :	
<b>Leoncio Correia</b> , por Dario Vellozo. . . . .	7
<b>Dr. Mello Moraes Filho</b> , de Silveira Netto . . . . .	129
MIZERIA DA ALMA, de Silveira Netto . . . . .	10
A' MINHA MÃE, de Arthur Bahia . . . . .	16
HYGIENE, de Alfredo Munhoz . . . . .	17
VISION, de Iwan Gilkin . . . . .	22
LA DÉBÂCLE, por Jean Itiberé . . . . .	22
FORMAÇÃO DAS FLORESTAS, de Ernesto de Oliveira . . . . .	23
SIMPLE QUESTION, por J. Keating . . . . .	26
A EVOLUÇÃO, de Carvalho de Mendonça . . . . .	27, 46, 78, 107, 155
A IMPRENSA E O CLERO, por Dario Vellozo . . . . .	33
PROMETHEO, de Leoncio Correia . . . . .	45
FUNERAL DAS LAGRIMAS, de Julio Pernetta . . . . .	49
A ELECTRICIDADE, de Romario Martins . . . . .	51
PIEIDADE, de Silveira Netto. . . . .	52
EM GUARDA, de Albino Silva . . . . .	53
CONFERENCIAS RELIGIOSAS, de Chicorro Junior . . . . .	55, 63, 119
DESOLAÇÃO, de Antonio Braga. . . . .	64
CREPUSCULO, de Julio Pernetta . . . . .	64
LE PÉNITENT, de Iwan Gilkin . . . . .	77
DO FUNERAL, de Silveira Netto . . . . .	81
O CONSORCIO DE CARMEN, por Dario Vellozo . . . . .	84
A CAPELLA DE S. FRANCISCO, por Julio Pernetta . . . . .	90
PELOS INDIOS, por Dario Vellozo . . . . .	97, 145
O CLERO E O ENSINO RELIGIOSO, de Albino Silva. . . . .	99
TRAGEDIA DA VIDA, de Julio Pernetta. . . . .	103
LE MAUVAIS JARDINIER, de Iwan Gilkin . . . . .	106
SOCIALISMO E CLERO, de Silveira Netto . . . . .	110



CONFIDENCIA, de Antonio Braga . . . . .	116
LITANIA, de Silveira Netto . . . . .	117
NHEENGA, de Rocha Pombo . . . . .	123
LUAR, de Dario Vellozo. . . . .	124
O SELVAGEM BRAZILEIRO, de Julio Pernetta . . . . .	135
OS INDIOS, de Rocha Pombo . . . . .	138
VENDO-A, de Leoncio Correia. . . . .	140
A LENDA DO MORRO FEITICEIRO, de S. E. vos Saporski . . . . .	144
ABARÉ, ABARÉ!, de Romario Martins. . . . .	153
EXCLUSIVISMO, de Ricardo de Lemos. . . . .	154
OS DOUS NADAS, de Edmundo de Barros. . . . .	161
TÓTÓ BUENO, de Julio Pernetta . . . . .	162
VIA DOLOROSA, de Silveira Netto . . . . .	173
HÉLAS, de Leoncio Correia . . . . .	174
FLÔRES DE LARANGEIRA, de Nestor de Castro. . . . .	175
ETHNOLOGIA BRAZILICA, pelo Dr. J. J. de Carvalho . . . . .	178
A PARABOLA DO AMOR, de Romario Martins . . . . .	186

### Respiças :

COM O CENACULO . . . . .	31, 95, 127, 160, 189
ANATHEMAS, por Dario Vellozo . . . . .	93
ALMANACK DO PARANÁ . . . . .	95
NOVA REVISTA, por Dario Vellozo. . . . .	125
ESQUIFES, de Silveira Netto . . . . .	158
VAGAS, de Silveira Netto . . . . .	188

FIM



## Condições de assignaturas

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

Sempre que fôr possível, a Redacção dará traços biographicos de personagens conhecidos nas Lettras, Artes, Sciencias, Industrias e etc., acompanhando-os do retrato do biographado.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da bôa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

### Preço da assignatura :

Semestre. . . . . 6\$000

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

### Venda avulsa :

Fasciculo . . . . . 1\$500  
Fasciculo de mezes atrasados . . . . . 2\$000

### EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Só se publicam trabalhos ineditos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua SILVA JARDIM, n.º 108.

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.